



História da Educação Matemática nos caminhos do
mundo digital e da democratização do conhecimento

Práticas Socioculturais de Cuidado com uma Mestra Raizeira

Sociocultural Practices of Care with a Raizeira Master

Eliziera Pereira Coutinho¹

Carolina Tamayo²

Resumo

Esta comunicação apresenta um exercício historiográfico desenvolvido junto a uma mestra Raizeira da região de Morro do Pilar, chamada Maria da Conceição Tomáz. A mestra trabalha em saúde comunitária há mais de 30 anos. Com esta escrita pretendemos, primeiramente, narrar sua trajetória a fim de valorizar não só, sua trajetória como uma mulher camponesa, se não também as práticas socioculturais ancestrais de cuidado do campo. E, em segundo lugar, analisar o processo de construção de instrumentos políticos como o “Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado” e da “Farmacopeia Popular do Cerrado”. Para o desenvolvimento desta pesquisa assumimos uma perspectiva decolonial e indisciplinar da Educação (Matemática) do Campo, assim como, encontramos inspiração nas pesquisas e conhecimentos de Davi Kopenawa e Ailton Krenak para nos alertar que os territórios e seus habitantes, seres vivos, humanos e não humanos, são os únicos capazes de segurar “a queda do céu”.

Palavras-chave: plantas medicinais; Mestra Raizeira; Práticas Socioculturais ancestrais.

¹ Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Matemática, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Camponesa, artesã, educadora popular, bioconstrutora e coordenadora da Arca das Letras. Mestranda em Educação Matemática na Faculdade de Educação, UFMG. Membro dos Grupos de Pesquisa InSURgir e Estudos sobre Numeramento (GEN) da UFMG. E-mail: eliziaracoutinho@gmail.com

² Doutora em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenadora do “Doutorado Latino-Americano em Educação: Políticas Públicas e Profissão Docente”. Integrante do grupo de pesquisa InSURgir (UFMG), do grupo “Educação, Linguagem e Práticas Culturais” da Universidade Estadual de Campinas e “Matemáticas, Educación y Sociedad” da Universidade de Antioquia (Medellín, Colômbia). Coordenadora da Red Latinoamericana de Etnomatemática para Sul América. E-mail: carolina.tamayo36@gmail.com

Mestra Raizeira Dona Maria dos Remédios – as plantas curam

A mestra da cultura tradicional dos remédios caseiros que nos compartilhou sua trajetória de vida e conhecimentos sobre as plantas medicinais é muito conhecida na região de Morro do Pilar, ela se chama Maria da Conceição Tomáz. Ela é conhecedora das plantas medicinais e realiza trabalho com foco na saúde através do uso das plantas medicinais. A mestra dá suporte às pessoas da região e de outras regiões, que buscam tratamento natural para sua saúde. Ela indica e prepara remédios caseiros a base de plantas como chás, xaropes, tinturas, pomadas, cataplasmas de argila, garrafadas³ e etc.

A prática cultural do cuidado com plantas medicinais no campo é transmitida de geração em geração e exercida na maioria das vezes por mulheres que possuem esse dom. A medicina produzida no campo é exercida no cuidado com a família, principalmente pelas mulheres e, “em forma de atendimentos de saúde nas comunidades, por diversas categorias de conhecedores tradicionais, ou por grupos organizados, como grupos de mulheres, pastorais da saúde e da criança, entre outros” (Dias e Laureano, 2009, p. 43).

A medicina caseira do campo é assim chamada porque é praticada numa cozinha comum através das plantas medicinais conhecidas no campo. É uma medicina que “se expressa por meio de diferentes ofícios de cura, resultantes, principalmente, da síntese das medicinas dos povos indígenas brasileiros, povos africanos e imigrantes europeus que chegaram ao Brasil” (Dias e Laureano, 2014, p. 4). A Mestra Dona Maria pratica esse ofício com compromisso, alegria e dedicação.

Trabalho com a tradição dos remédios caseiros. Feitio e indicação de chás, tinturas, xaropes, farinha enriquecida, pomadas, unguentos, cataplasma de argila, gel e outros produtos medicinais. O uso das plantas medicinais em geral. Ensino também em encontros sobre o as plantas e vou nas escolas quando sou convidada. Durante todo o ano sou procurada por pessoas da comunidade e de fora para tratar de diversos tipos de males, desde os mais simples até os mais complicados. Então estou sempre em busca de diversas ervas medicinal para produzir xaropes, tinturas com álcool de cereais, pomadas, gel ... e, também, precisamos de outros produtos como mel, rapadura, óleo de copaíba e andiroba, argila etc. (Entrevista com Dona Maria, 2023).

³ Garrafadas são combinações de plantas medicinais que têm como veículo aguardente ou vinho. É uma preparação típica da medicina tradicional, utilizada no tratamento de enfermidades diversas.

Aqui chamaremos a medicina caseira de práticas socioculturais de cuidado, que se diversificam conforme várias especialidades de cura, sendo seus praticantes conhecidos por raizeiras, curandeiros, benzedeiros, parteiras, etc. Essas múltiplas identidades, contudo, “não podem ser interpretadas como individuais, pois compartilham experiências comuns de cura por meio do uso da biodiversidade e de conhecimentos tradicionais e, por isso, constituem uma identidade social” (Dias e Laureano, 2014, p. 6).

A casa de Dona Maria está sempre de portas abertas. Geralmente cheia de pessoas, principalmente da zona rural. Um traz folhas medicinais do campo, outra toma café; uma traz a rapadura para fazer xarope, outro vai colher plantas no quintal para seu remédio, uma corta a couve para o almoço, outra limpa arroz no pilão. Há alguns anos a mestra, vem nos ensinando a fazer remédios em sua casa e em momentos de oficinas nas escolas, nos encontros promovidos pela Associação Comunitária e participando de pequenos projetos⁴. A Mestra não só prepara remédios, mas também ensina a comunidade a fazer remédios.

Dona Maria nasceu em Santo Antônio do Rio Abaixo, município vizinho a Morro do Pilar. Perdeu a mãe quando era criança e foi criada pelos avós e pelas tias. Muito jovem mudou-se para uma comunidade rural de Morro do Pilar chamada Carioca. Como já tinha estudado o quarto ano ela foi ser professora nessa comunidade rural. Passado um tempo Dona Maria se mudou para a sede da cidade de Morro do Pilar. Casou-se com um senhor viúvo e teve com ele duas filhas. Nesse tempo ela foi convidada para participar de um curso da Pastoral da Saúde⁵ no município de Guanhões. A pastoral se destaca por convocar e instruir agentes comunitários de saúde para aprenderem sobre o método conhecido como bioenergética, utilizado para o diagnóstico das enfermidades.

Muitas pessoas de Morro do Pilar foram chamadas para fazer esse curso, porém Dona Maria foi quem seguiu com este trabalho ao longo dos anos. Com todo

⁴ A mestra Dona Maria participa de projetos em parceria com o Ponto de Cultura da Tribo a Terra, grupo composto pela pesquisadora e sua família, que promove atividades culturais com os estudantes das escolas do campo e da cidade.

⁵ A Pastoral da Saúde é uma das pastorais sociais da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sociedade sem fins lucrativos que foi introduzida desde 09 de maio de 1986. Disponível em: <https://pastoraldasaudecnbb.com.br/quem-somos/>

o seu potencial e dedicação deu sequência aos ensinamentos adquiridos na Pastoral. Apoiada pela Igreja Católica de Morro do Pilar montou uma sala onde se atendia com o método bioenergética. Nesse local se plantava, colhia, secava e armazenava plantas medicinais para oferecer como tratamento de saúde aos pacientes que eram atendidos pela bioenergética.

Iniciamos o trabalho com a bioenergética, num grupo de 8 pessoas, mais ou menos uns 30 anos atrás. Atendíamos em minha própria residência. Depois fomos para uma casa que nos foi cedida. Em seguida, construímos um barracão num terreno da Igreja Católica, onde atendíamos a comunidade local, pessoas e caravanas que vinham de longe. Esse trabalho durou uns 15 anos. Fomos aprendendo com a prática e com as informações que os pacientes traziam no retorno. Aí víamos que o método estava dando certo (Entrevista com Dona Maria, 2023).

Como aprendiz de raizeira, eu tenho o prazer de estar ao lado de Dona Maria e ser sua parceira em diversos projetos e ações. Tivemos um tempo de treinamento como o método bioenergética e juntas exercemos o papel como examinadora e intermediária para o exame bioenergético. Esse exame se realiza com a formação um anel com o polegar e o indicador. O intermediário, que é Dona Maria, forma o anel com a mão dominante e eu como examinadora com as duas mãos (Ver figuras 01 e 02). A cada movimento da varinha de metal, realizado por Dona Maria como examinadora, tento abrir o anel feito com uma das mãos de Dona Maria. Se esse anel se abrir é sinal de que há algum problema. É importante que nesse momento, ninguém se utilize de metais junto ao corpo, para que não tenha interferência de raios magnéticos com o processo.

Figura 01 e 02: Exames de bioenergética realizado na casa de Dona Maria em 11/06/2024 no projeto da Rede de Intercâmbio: Caminhos Para Socio biodiversidade.



Fonte: arquivo da pesquisa.

Para além dos ensinamentos da Pastoral da Saúde a Mestra Raizeira nos conta sobre novos aprendizados, seus objetivos e projetos futuros.

O objetivo maior desse trabalho que faço é poder colaborar e aliviar um pouco do sofrimento com a saúde das pessoas que estão ao redor e me procuram, eu tive a oportunidade de ir aprendendo ao longo do tempo com as pessoas da comunidade, com os ensinamentos na Pastoral da Saúde e mais recentemente com os cursos do SENAR e tenho muito prazer e alegria em fazer essa tarefa porque se Deus me deu força pra isso vou fazer da melhor forma que eu puder. Agora pretendemos retornar aos atendimentos mais regulares com a bioenergética. A Associação Comunitária que sou sócia fundadora e conselheira está crescendo e se fortalecendo com o movimento agroecológico, com a feirinha de produtos naturais dos agricultores que fazem parte da associação (Entrevista com Dona Maria, 2018).

Nessa fala a Mestra cita a Associação Comunitária Morro do Pilar formada por agricultoras, parteiras, raizeiras, benzedadeiras, fundada em 2015 da qual fazemos parte. Com esse movimento social e com as parcerias que temos conquistado iniciamos em 2018 a promoção de encontros anuais para vivenciar a troca de experiência entre agricultores, raizeiras, parteiras e benzedadeiras da nossa região e região Metropolitana de Belo Horizonte. Nesses encontros realizamos oficinas para disseminar o uso das plantas medicinais. A sabedoria ancestral é valorizada, partilhada e praticada.

Salvaguarda das práticas socioculturais de cuidado: na escola do campo

Reconhecemos a importância da preservação dos conhecimentos ancestrais, também reconhecemos os desafios e buscamos participar da luta a favor dos direitos das raizeiras. Nesse sentido nós apoiamos no “Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado uma mobilização da Articulação Pacari” que envolveu representantes de 43 grupos comunitários de dez regiões dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Maranhão, foi resultado de um processo com a realização encontros regionais e encontros nacionais, que proporcionou a elaboração das propostas que compõem o protocolo, “colocando a medicina tradicional como uma ação a ser implementada por meio de diferentes políticas públicas nacionais e, também, como uma ação de implementação da Convenção da

Diversidade Biológica (CDB) no Brasil⁶”. Todo o processo, realizado com o protagonismo de mulheres. (Dias e Laureano, 2014, p. 4). Então,

os protocolos comunitários são instrumentos políticos que contêm acordos elaborados por povos e comunidades tradicionais, sobre temas relevantes aos seus modos de vida, visando à garantia de seus direitos consuetudinários. Os direitos consuetudinários são fundamentados na tradição, e são expressos por valores, princípios, regras, cosmovisões e práticas que são passados de geração em geração, num movimento vivo e contínuo (Dias e Laureano, 2014, p. 4).

A transmissão de saberes ancestrais, valores, princípios, regras, cosmovisões e práticas ocorrem através da vivência natural com as mestras, mas também nas programações comunitárias, em escolas, em intercâmbios promovidos por organizações sociais.

As novas gerações que não tiveram a oportunidade de ver seus pais utilizando as plantas, não conhecem esse trabalho, nesses encontros temos a oportunidade de ver jovens que querem aprender. Nesses encontros temos a participação da juventude que acompanham suas mães, seus pais (Entrevista com Dona Maria, 2022).

Segundo o Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado os remédios de plantas medicinais, denominados por remédios caseiros, destacam-se como um dos principais recursos utilizados na prática sociocultural de Raizeira. Porém a sua produção e comercialização não possuem legislação específica e são interpretadas como ilegais, ao infringirem o art. 273 do Código Penal brasileiro, que “considera crime disponibilizar produto terapêutico sem registro no Ministério da Saúde” (Dias e Laureano, 2014, p. 4).

Essa criminalização imposta pelo governo, impacta negativamente a dinâmica, transmissão e salvaguarda das práticas socioculturais ancestrais de cuidado e, por isso, precisa ser revista a partir de um esforço coletivo e amplo diálogo entre governo e povos e comunidades tradicionais. Nesse sentido o Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras “tem o objetivo de ser um instrumento político para a conquista de uma legislação que garanta o direito

⁶ A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) é um tratado da Organização das Nações Unidas estabelecida durante a notória ECO-92 – a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-ecossistemas/convencao-sobre-diversidade-biologica>

consuetudinário de quem faz o uso tradicional e sustentável da biodiversidade brasileira para a saúde” (Dias e Laureano, 2014, p. 4).

Na mesma direção do Protocolo no sentido de registrar cientificamente os saberes tradicionais dos povos originários da “Farmacopeia Popular do Cerrado”, livro de autoria de 262 Raizeiras e Raizeiros do Cerrado, é resultado de uma pesquisa popular sobre nove plantas medicinais prioritárias para a prática da medicina tradicional do Cerrado. A Farmacopeia é a precursora das farmacopeias tradicionais popular do Cerrado, como um instrumento político para o reconhecimento social da medicina tradicional e as práticas culturais desenvolvidas por povos e comunidades tradicionais (Dias e Laureano, 2009).

Buscando salvaguardar estas práticas também venho desenvolvendo colaborativamente com Dona Maria uma pesquisa de mestrado intitulada: *Educação [Matemática] do Campo em um giro decolonial com uma mestra raizeira*, sob a orientação da professora Carolina Tamayo Osorio na UFMG. Essa pesquisa partiu da necessidade de articular a escola do campo com as práticas socioculturais não escolares da Mestra Raizeira, com os estudantes da educação infantil ao quinto ano da Escola Municipal Fazenda Rio Vermelho da comunidade rural Lapinha no município de Morro do Pilar em Minas Gerais (Ver figura 03).

Figura 03: Primeiro Encontro de apresentação da pesquisa de mestrado realizado na Escola da Lapinha. Elaboração de repelente natural. Dia 29/03/2024.



Fonte: arquivo da pesquisa.

Esta pesquisa parte da proposta de práticas (in)disciplinares de problematização cultural elaborada por Miguel et al. (2010), que defende uma

educação transgressiva baseada em aspectos históricos, socioculturais e pedagógicos presentes em diferentes formas de vida nas quais descontrói-se a dicotomia homem/natureza, interior/exterior, pensamento/fazer, dentre outras.

Sob tal perspectiva, a educação escolar deveria ter como propósito constituir sujeitos sensíveis à valorização de problematizações transgressivas de práticas socioculturais realizadas em diferentes formas de vida pública, isto é, nas mais variadas formas de os sujeitos organizarem-se publicamente. Em outras palavras, nesse projeto ético-político desconstrutivo de educação escolar, as práticas (in)disciplinares de problematização cultural passam aqui a ser concebidas como práticas de politização. (Miguel et al., 2010, p. 133).

Esta perspectiva de trabalho na escola apresenta relações com a decolonialidade, na qual a Educação do Campo pode ser compreendida como um fenômeno de desobediência político-epistêmica, tensionando os modelos tradicionais de currículo a partir da percepção da relevância do conhecimento presente nas práticas do campo e do questionamento da exclusão desse conhecimento na escola.

Fechamento: práticas de cuidado camponesas em dialogia com os povos indígenas... um caminho em aberto para esta pesquisa

A luta por criar instrumentos políticos que garantam o direito das comunidades tradicionais e suas práticas socioculturais de cuidado se amplia quando incluímos a luta pela saúde dos territórios, pela saúde dos biomas, pela saúde das florestas, pela saúde do planeta. Nesse sentido também incluímos reflexões sobre a saúde do sistema educacional brasileiro e da educação (matemática). Dessa forma defendemos que os conhecimentos ancestrais das mestras e dos povos e comunidades tradicionais recebam o reconhecimento que merecem também nas escolas, através da inclusão de suas práticas socioculturais no currículo escolar, movimento já praticado por Dona Maria e o qual nos convoca ao desenvolvimento desta escrita de uma pesquisa de mestrado.

Entendemos que as lutas políticas pelo cuidado da mãe terra, o que inclui o cuidado das plantas e outros seres naturais, de camponeses e indígenas se encontram no sentido de criar um mundo diferente desse “mundo da mercadoria”. O xamã yanomami Davi Kopenawa faz um alerta e uma crítica poderosa no

questionamento da noção de progresso que rege a civilização ocidental. Chama de “povo da mercadoria” o mundo da mercadoria com uma tecnologia globalizada comprometida primeiramente com o capitalismo, com a fabricação de mercadorias, como armamentos de guerra. Um povo já nos trouxe pandemia, emergência climática, rios mortos por lama. Apesar de toda violência sofrida Kopenawa expressa pacificamente:

Nós, Yanomami, defendemos a terra-floresta e suas montanhas. Queremos que continue com saúde e inteira. Queremos também que Yanomami e branco vivam sem brigar nem guerrear por causa da terra, do ouro, dos minérios. Queremos que todos possam permanecer vivos juntos por muito e muito tempo. (Kopenawa e Albert, 2015, p. 537).

Davi Kopenawa em seu livro “A queda do céu” (2015), escrito a partir de suas palavras ao etnólogo Bruce Albert, dá um testemunho a respeito do contato predador e violento com que o homem branco ameaça constantemente seu povo desde os anos 1960. Para o xamã Yanomami, os territórios e seus habitantes, seres vivos, humanos e não humanos, são os únicos capazes de segurar “a queda do céu”, que representa a ideia de quando o mundo seria tomado por colossais incêndios e inundações, e o ar se tornaria irrespirável.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (Kopenawa e Albert, 2015, p. 6).

Nesta mesma direção, Ailton Krenak (2020) em seu terceiro livro “A vida não é útil” escrito no contexto da perda de vidas em meio a maior pandemia do século, a covid-19, afirma que, “Vida”, é transcendência, não é só uma palavra, não tem uma definição.

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse

atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra (Krenak, 2020, p. 12).

A cultura ocidental despreza os valores dos povos originários e isso é um grande problema para todos que habitam esse planeta, humanos e não humanos. O cenário não é nada animador, as geleiras estão derretendo, os oceanos cheios de lixo, as espécies em extinção aumentando. Porém, com esperança, o autor fala de uma micropolítica que está se disseminando e vai ocupar o lugar da macropolítica, “porque em diferentes lugares, tem gente lutando para este planeta ter uma chance, por meio da agroecologia, da permacultura” (Krenak, 2020, p. 12). Os agentes da micropolítica são pessoas que estão abrindo calçadas plantando horta no quintal de casa, removendo o túmulo de concreto das metrópoles, a dona Maria é uma desses agentes.

As palavras desses dois líderes indígenas nos trazem elementos para a melhor compreensão do mundo em que vivemos, para compreender da importância de registrar as experiências vividas na minha comunidade, onde as plantas e sua linguagem de cura são fundamentais e dona Maria nos ensina sobre elas. São ideias que não estão no noticiário da televisão, mas que estão mudando as vidas das crianças nas nossas escolas do campo.

Os povos originários e tradicionais camponeses se apresentam como oásis no caos em que o mundo está se transformando, suas histórias e conhecimentos precisam ser valorizados e salvaguardados. O patrimônio cultural desses povos, sua resistência em lutar pela educação contextualizada, proteger seus territórios é o que ainda os mantém vivos e mantém o céu sobre nossas cabeças. Por isso tratamos da urgência de falarmos sobre práticas de cuidado na Lapinha, práticas nas quais seres humanos e não humanos confluem para o cuidado da vida.

Referências

Dias, J. E. Laureano, L. C. (2009). *Farmacopeia Popular do Cerrado*. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari).

Dias, J. E. Laureano, L. C. (2014). *Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado: direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional*. Turmalina, Articulação Pacari.

Honesko M. *Pastoral da Saúde: Do chazinho da vovó à bioenergia*. Disponível em: <<https://www.vvale.com.br/saude/pastoral-da-saude-chazinho-da-vovo-bioenergia/>> acesso 12/06/2024.

Kopenawa, D., Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yahomami*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

Miguel, A., Vilela, D. S., & Moura, A. R. L. de. (2011). Desconstruindo a matemática escolar sob uma perspectiva pós-metafísica de educação. *Zetetike*, 18, 129–206. <https://doi.org/10.20396/zet.v18i0.8646675>